



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1534>



# Vozes conectadas: história oral no liminar do digital, no virtual e da pandemia

Lucas Erichsen\*

ORCID iD 0000-0002-3225-000X

Instituto Nacional da Mata Atlântica, Santa Teresa, Brasil

Antonio José Alves de Oliveira\*

ORCID iD 0000-0001-5019-5983

Instituto Nacional da Mata Atlântica, Santa Teresa, Brasil

**Resumo:** O artigo analisa os impactos das tecnologias digitais e virtuais na história oral, com destaque para as transformações aceleradas pela pandemia de covid-19. Discutem-se implicações teórico-metodológicas, estratégias práticas e desafios éticos relacionados ao uso dessas ferramentas. Argumenta-se que o digital e o virtual não apenas complementam, mas reconfiguram a prática historiográfica, ampliando possibilidades de interação, produção e registro de memórias em um contexto de interações e vivências híbridas. Com isso, o historiador oral emerge como mediador crítico, privilegiado para repensar transformações tecnológicas e interações humanas em contextos relevantes para sua prática, ao campo e para a sociedade.

**Palavras-chave:** História oral; digital; pandemia; virtual; tecnologias.

## Connected Voices: Oral History between and beyond the Digital, the Virtual and the Pandemic

**Abstract:** The article analyzes the impacts of digital and virtual technologies on oral history, highlighting the transformations accelerated by the covid-19 pandemic. It discusses theoretical and methodological implications, practical strategies, and ethical challenges related to the use of these tools. It argues that digital and virtual technologies not only complement but also reconfigure historiographic practices, expanding possibilities for interaction, production, and memory recording in a context of hybrid interactions and experiences. Thus, the oral historian emerges as a critical mediator, uniquely positioned to rethink technological transformations and human interactions in contexts relevant to their practice,

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Técnico em Informática e Computação pelo Centro Estadual de Educação Profissional de Ponta Grossa (CEEPPG). Pesquisador no Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA). E-mail: lucaserichsen@outlook.com.

\* Doutor em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre pela mesma instituição. Pesquisador no Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA). E-mail: antoniojosealvesdeoliveira70@gmail.com.

the field, and society.

**Keywords:** Oral history; digital; pandemic; virtual; technologies.

## Introdução

No final da tarde, uma mensagem pelo WhatsApp trouxe uma condição inesperada: o epidemiologista aceitaria a entrevista, mas apenas de forma remota.

A pandemia de covid-19 acelerou mudanças sociais e mostrou a necessidade de repensar o vínculo entre presença e ausência, dissociando-os da proximidade física (Santhiago; Magalhães, 2020), forçou a digitalização de setores em ritmo equivalente a 3-7 anos (Viola, 2023), provocou impactos profundos em campos científicos (Andrade; Silva; Scortegagna, 2023; Aulakh; Duggal; Sutton, 2020; Bartholo *et al.*, 2023; Eruchalu *et al.*, 2021) e desafiou historiadores orais (Rodeghero; Weimer, 2021; Silva, 2022). “Projetos de história oral hoje em dia são projetos digitais, construídos sobre uma tradição estabelecida por uma geração de inovadores e exploradores criativos” (Boyd; Larson, 2014, p. 14). Contudo, a pandemia, somada à urgência dos entrevistados e limitações orçamentárias, intensificou interações e iteratividade<sup>1</sup> (Kushner, 2021; Preece; Rogers; Sharp, 2015).

O contexto pandêmico transformou os desafios em oportunidades de investigação sobre aspectos teóricos e metodológicos referentes à realização de entrevistas que exploram a relação entre ciência e proteção ambiental no Brasil e seus diversos atores (Franco; Drummond, 2009; Mittermeier *et al.*, 2005). Essas entrevistas, integradas ao Plano de Capacitação Institucional (PCI) do Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), têm como objetivos registrar memórias de agentes atuantes na interface ciência-conservação, fortalecer a memória institucional, fomentar a História da Ciência e da Conservação da Mata Atlântica e oferecer informações relevantes para a atuação da instituição.

Esse esforço combina história das ciências, história ambiental e história oral (Merchant, 2019; Nimmo *et al.*, 2020; Stengers; Prigogine, 1997) ressoando com as transformações nas abordagens da história oral. Historiadores orais e humanistas digitais assumem um papel essencial em agências e museus, disponibilizando informações (Boyd; Larson, 2014) e concretizando previsões de Stephen Sloan (2014) sobre o impacto de novas tecnologias.

Embora relações de poder, interesses e condições de participação entre entrevistador e narrador sejam componentes essenciais da história oral, este artigo opta por não explorar detalhadamente esses aspectos devido à anonimização dos depoimentos. Essa

---

1 Mais à frente.

decisão metodológica reflete uma escolha consciente de priorizar uma análise mais ampla sobre os desdobramentos do digital e do virtual na história oral.

A lógica subjacente hoje ao digital e ao virtual, com sua capacidade de redefinir interações e práticas, emerge como o ponto central desta reflexão. Assim, exploramos como as tecnologias digitais ao mesmo tempo transformam possibilidades de interação, registros e criam desafios. Este artigo, portanto, posiciona-se nesse limiar entre os desafios e as potencialidades, utilizando ocorrências observadas durante as entrevistas como base para discutir os impactos e desdobramentos à história oral em um mundo em transformação tecnológica.

Ainda, a relação entre proximidade e distância emerge como um dos desafios mais complexos da história oral, especialmente no contexto das entrevistas remotas intensificadas pela pandemia. A ausência física foi ressignificada pela mediação digital, que reconfigura essas dinâmicas e a noção de presença no trabalho historiográfico. Ao longo do artigo, apontamos como a mediação digital reconfigura a proximidade e a distância, criando novas formas de interação, e como o historiador oral se posiciona de modo privilegiado nesse cenário de transformações tecnológicas, principalmente aquelas intensificadas por um evento global de grande impacto como a pandemia de covid-19.

Paul Thompson (2002) questionava se as tecnologias seriam “uma oportunidade maravilhosa” ou mensageiras do esquecimento. Passadas duas décadas, a pandemia revelou que as tecnologias ampliaram possibilidades sem comprometer os fundamentos da história oral. Analisamos como a pandemia acelerou o uso de tecnologias digitais e virtuais, destacando suas implicações teórico-metodológicas, desafios e perspectivas para a história oral.

## História oral, tecnologia e multiliteracia

Como integrar tecnologias digitais e virtuais à história oral?

A relação entre história oral e humanidades digitais evoluiu, permitindo o surgimento de uma “história oral digital” (Boyd; Larson, 2014; Nyhan; Flinn, 2016;). Contudo, se faz importante compreender que isso vai além de um uso meramente instrumental dos computadores, sendo crucial compreender a interação entre tecnologias e seres humanos (Bannon, 1991; Bardini; Horvath, 2006; Shneiderman, 1984; Simondon, 2020a; Villata, 2021) o que demanda uma literacia técnica e conceitual apurada (Ahnert *et al.*, 2023; Hegenberg, 1974, 2012; Lischer-Katz, 2017).

Conduzir entrevistas em ambientes digitais e virtuais exige habilidades técnicas e conceituais. Seguindo recomendações de Santhiago e Guimarães (2020) sobre conhecer bibliografia fora de nossa área, buscamos alianças teórico-metodológicas para

que a história oral que praticamos se torne mais adaptada às realidades digitais e virtuais (Blaxill, 2023; Stengers; Prigogine, 1997). Algo que vai de encontro da afirmação de Lorella Viola (2023) quanto ao fato de que a aceleração digital tornou modelos disciplinares tradicionais insuficientes e, por sua vez, fez emergir a necessidade de multiliteracia com contornos pós-digitais (Campbell; Olteanu, 2023).

A formação em Computação e História capacitou os autores a atuarem como “tecnólogos”, no sentido descrito por Simondon (2020a, 2020b) integrando a tecnicidade ao trabalho histórico e avaliando criticamente os impactos entre humanos e tecnologias (Cupani, 2011; Simondon, 2020a, 2020b). Nesse contexto, o uso de conceitos técnicos não busca promover mistério técnico nem afirmar imperativos moralistas sobre o progresso historiográfico, como ocorre em algumas abordagens de humanistas e historiadores digitais (Blaxill, 2023).

Um exemplo dessa integração é o projeto *I Can Almost See the Lights of Home*, que combinou oralidade e auralidade em uma montagem de áudio reflexiva, disponibilizada *online* (Hardy III; Portelli, 1999; Boyd; Larson, 2014). Essa iniciativa pioneira ecoa a ideia de que a história oral evolui em consonância com as ferramentas à disposição de seus praticantes (Boyd; Larson, 2014).

Historicamente, a história oral tem sido intrinsecamente ligada à tecnologia, desde os cilindros de cera e gravadores de fio até os modernos sistemas como OHMS/Aviary (Boyd; Larson, 2014). YouTube e Spotify facilitam a disseminação rápida de histórias orais, enquanto plataformas como Omeka e WordPress oferecem soluções robustas para armazenamento digital. O OHMS/Aviary amplia o acesso e a utilidade das entrevistas, consolidando a conexão entre história oral e tecnologias emergentes. Percebe-se que a relação entre tecnologias emergentes e história oral é inegável e, nesse sentido, estamos hoje, como argumenta Ian Milligan (2022), em um ponto sem retorno.

Em um mundo saturado por meios digitais e virtuais, devemos considerar o quanto é “preciso se molhar desse mundo que vivemos”,<sup>2</sup> reconhecendo a relação visceral que temos hoje com as realidades virtuais e digitais do tempo presente. Isso implica reconhecer o digital como “recurso de coligação útil” para captar interações complexas e ampliar horizontes metodológicos (Santhiago; Magalhães, 2020).

## O digital e o virtual

Para entender o impacto das tecnologias na história oral, é essencial distinguir entre “digital” e “virtual”, conceitos frequentemente tratados como sinônimos e

---

2 Informação verbal de Daisy Perelmuter, “História oral: produção, difusão e temas socialmente vivos” durante a aula “História oral, memória e subjetividade”, em 5 de abril de 2023.

conflacionados (Blair, 2012; Swatridge, 2014). Essa distinção ajuda a esclarecer as implicações metodológicas e práticas.

Charles Hardy III define “digital” como o conjunto de técnicas e formatos que permitem a gravação e disponibilização de dados *online*. Nesse sentido, o digital corresponde a dígitos interpretados por computadores (White, 2015; Sipser, 2005).<sup>3</sup> No contexto da história oral, o digital transcende o armazenamento, apresentando-se como uma abordagem inovadora para preservar e divulgar registros, transformando-os em arquivos acessíveis e interativos. Por outro lado, o conceito de “virtual” é mais amplo e frequentemente ambíguo, referindo-se a algo imaterial, simulado ou potencial. O virtual não deve ser entendido como oposição ao real, mas como parte integrante da realidade contemporânea, representando possibilidades latentes e mediações simbólicas (Alliez, 1996; Bultje; Van Wijk, 1998; Deleuze, 2006; Lévy, 2003; McCabe, 2020).

Neste artigo, “digital” refere-se às tecnologias que convertem e armazenam informações em formato binário, incluindo ferramentas para transmitir, registrar, transcrever e analisar dados de entrevistas. Já “virtual” remete ao ambiente digital onde as interações ocorrem sem proximidade física, mas constituem realidades simbólicas e dialógicas. Assim, enquanto o digital viabiliza a materialização técnica, o virtual representa as possibilidades interativas dessas ferramentas, redefinindo nossas subjetividades e relações; assim, potencialidades do virtual manifestam-se no digital, onde constituímos subjetividades, enquanto a pandemia intensificou a redefinição de nossas interações e preocupações (Goldman, 2023; Kilbride, 2023).

A dicotomia entre proximidade e distância, tradicionalmente vinculada à presença física, foi profundamente transformada no contexto pandêmico. A ausência de encontros presenciais, muitas vezes vista como uma limitação, revelou-se também uma oportunidade para reconfigurar as interações em entrevistas remotas. Ferramentas digitais permitiram que narradores acessassem memórias de forma mais espontânea, especialmente por meio de imagens e conteúdos audiovisuais compartilhados em tempo real, o que ressignificou o papel da mediação no ambiente virtual.

Como destacam Santhiago e Magalhães (2020), a confiança e a empatia nas entrevistas não dependem exclusivamente da proximidade física, mas da qualidade das interações e da capacidade do historiador em mediar relações complexas no ambiente digital. Nesse sentido, a mediação tecnológica redefine o conceito de “estar presente”, criando uma lógica de proximidade que é simultaneamente simbólica e tecnológica. Essa lógica compensa a distância física, ampliando e oferecendo novos horizontes para

---

3 Computadores digitais, como smartphones e notebooks, operam com dados binários (0 e 1). Beatrice Fazi (2018), por outro lado, propõe uma teorização de computadores e sistemas computacionais alinhada à Deleuze e Whitehead, destacando-os como contingentes, onde a indeterminação é potencialidade. Embora interessante, essa perspectiva não é facilmente aplicável e restrita por ser baseada em casos específicos e deve ser confrontada com questões práticas, teóricas e pragmáticas próprias à Ciência da Computação, em relação a limitações de aplicabilidade lógica, de arquitetura e nível computacional prático.

o campo da história oral.

Ou seja, ao mesmo tempo em que entrevistas virtuais levantam questões de empatia e confiança, ambientes virtuais podem, paradoxalmente, favorecer sinceridade e conforto, ampliando a diversidade de narradores. Como observado por Santhiago e Magalhães (2020), a entrevista remota pode “preservar aspectos prezados” da prática da história ao criar um ciberespaço onde corpos são virtualmente reconfigurados pela tecnologia.

A pandemia, por seu turno, intensificou um regime de historicidade presentista, no qual o presente domina memórias compartilhadas e interações sociais (Hartog, 2014). É crucial compreender isso para a prática da história oral, pois é preciso reconhecer que ocorreram e ocorrem efetivas transformações “no pensamento, na memória e na cultura a partir da incorporação de novas tecnologias, e sobre o impacto destas sobre a forma de se contar histórias” (Santhiago; Magalhães, 2020, p. 6). Ademais, ao integrar tecnologias digitais de forma reflexiva, a história oral constrói um espaço em que a tecnicidade não se limita à mera instrumentalidade. Torna-se um campo interdisciplinar que explora novas possibilidades metodológicas e epistemológicas (Cupani, 2011; Simondon, 2020a; Villata, 2021).

Essa perspectiva sublinha o potencial de incorporar conceitos de diferentes áreas para ampliar a prática de história oral em meios digitais e virtuais. Conceitos da computação, como “iteração” – processo contínuo de ajuste e aperfeiçoamento em ciência da computação conforme as interações e respostas dos atores envolvidos – enriquecem a história oral. No contexto da história oral em meios digitais e ambientes virtuais, iteração se torna uma ferramenta teórico-metodológica epistemologicamente interdisciplinar para se referir a um processo “vivo” e dinâmico, onde entrevistas, recursos digitais e abordagem teórico-metodológica são constantemente recalibrados e adaptados, em sintonia com o papel do historiador oral como tecnólogo adaptado à computação, ao digital e ao virtual.

Contudo, há críticas que apontam que a virtualidade poderia comprometer a confiança e a empatia. Ainda assim, como destacam Santhiago e Magalhães (2020, p. 10), “não serão a proximidade ou o distanciamento físico que garantirão a confiança mútua em uma pesquisa”. Observação desconfortável, mas que faz sentido se considerada junto ao reconhecimento de que o discurso oral e a narrativa são, por natureza, fragmentados, frágeis, influenciados por diversas variáveis e contingências, desde “interferências prosaicas, como uma noite mal dormida, uma cadeira desconfortável ou um ruído persistente vindo da rua, até obstáculos mais profundos, como traumas significativos ou falta de empatia com o tema e o interlocutor” (Perelmutter, 2004, p. 27-28).

Ora, a existência e a relevância desses elementos em entrevistas presenciais são amplamente reconhecidas, a ponto de exigirem “que o historiador oral abandone o ideal de apreender totalmente o objeto de estudo” (Perelmutter, 2004, p. 27-28). No entanto, tais aspectos amplamente reconhecidos parecem que são suspensos quando se reivindica “a recusa absoluta a um tipo de história oral supostamente deformado (pela

ausência da interação corpo-a-corpo)” (Santhiago; Magalhães, 2020, p. 10).

Seria essa recusa uma nova versão do ideal de conhecimento que busca apreender totalmente o objeto de estudo? Em entrevistas presenciais os entrevistados não agem de maneira performática ou selecionam aquilo que narram, exercendo poder sobre o entrevistador? (Brannen, 2013; Ezzy, 2010; Machado, 2010; Pereira, 2014; Saboia, 2016) A mediação digital e o virtual tornam a entrevista menos “real”?

A entrevista já é artificial e mediada, seja por gravadores, ambientes ou expectativas dos participantes. A prática digital/virtual reconfigura a interação, ao incorporar novas possibilidades e expandir a atuação do historiador oral. Reconhecer essas mudanças é fundamental para que as novas tecnologias sejam vistas como pontos de reflexão e aliadas e não ameaças à história oral.

Mas como se deu a experiência em ambientes digitais e suas virtualidades?

## A experiência online: novas dinâmicas de interação

Durante a pandemia, a ausência de encontros presenciais, antes percebida como uma limitação, foi resignificada pela utilização de tecnologias digitais que, ao integrarem elementos visuais e audiovisuais, transformaram a dinâmica das interações entre entrevistador e narrador.

As interações iniciaram de maneira formal, mas logo evoluíram para um sistema dinâmico que alternava entre mensagens, áudios, imagens e ligações. Esse fluxo comunicativo, cuja complexidade impede uma análise isolada de seus componentes (Anderson, 1972) evidenciou o papel ativo do narrador, que demonstrava engajamento e disposição para interagir.

Com o desenrolar das interações, os ambientes digital e virtual revelaram novas possibilidades narrativas e relacionais, permitindo ao entrevistador adotar estratégias que facilitassem a troca de informações e a evocação de memórias, especialmente adaptadas ao contexto digital e virtual.

Por exemplo, ao perguntar: “Quem é João da Silva?”, a entrevista era formalmente iniciada com uma questão ampla, mas que permitia disparar memórias (Gagnebin, 2016; Ricouer, 2011) e intermitências.

Em uma entrevista, ao responder a supracitada pergunta e mencionar sua infância, o entrevistado compartilhou a tela e reproduziu um vídeo no YouTube. O entrevistado por vezes ficava em silêncio para contemplar um conteúdo e acessar memórias que, segundo ele, seriam inacessíveis sem a experiência audiovisual. Essa dinâmica ampliou a profundidade do relato ao incorporar elementos visuais como disparadores emocionais e narrativos.

Em outra entrevista, ao observar o sobrenome do técnico de TI exibido na tela,

o entrevistado expandiu sua resposta para incluir temas inesperados e relevantes. Além disso, ele solicitou ao entrevistador que compartilhasse uma foto enviada na pré-entrevista, evidenciando a dinâmica referente a diferentes tipos de interação, fotografias e arquivos digitais. A interação com a imagem despertou recordações que fluíram conforme o entrevistado navegava pelos diferentes níveis de zoom e detalhes visuais.

Na entrevista que inicia este artigo, os participantes, localizados em estados distintos do Brasil e pertencentes a diversas áreas do conhecimento, encontraram no ambiente *online* uma plataforma de interação remota e multidisciplinar. Nesse contexto, o entrevistado, um especialista em epidemias, discutiu o impacto da pandemia de covid-19 em comparação com outras crises sanitárias. Ele detalhou sua motivação para permanecer isolado e agradeceu a oportunidade de ser entrevistado naquele contexto. Essa abordagem trouxe segurança ao entrevistado e permitiu a incorporação de perspectivas interdisciplinares que enriqueceram a entrevista.

Em outra ocasião, foi conduzida uma entrevista pela internet devido ao fato de o entrevistado residir em outro país e à impossibilidade de um encontro presencial por limitações orçamentárias e da própria pandemia. Nesse caso, a entrevista foi realizada em inglês, língua nativa do entrevistado, para que ele se sentisse mais à vontade e confortável ao relatar suas memórias. Expressar-se na língua materna alivia a carga cognitiva, permitindo respostas mais detalhadas e focadas (Hervais-Adelman; Moser-Mercer; Golestani, 2011; Wei *et al.*, 2023), fator ainda mais relevante durante a pandemia (Jarret, 2020) e em uma conversa remota onde era necessário construir o ambiente mais agradável possível. Mas não somente. Durante a interação virtual, sendo o entrevistado fotógrafo e guia de ecoturismo, navegou-se em simultâneo por suas fotos e website para ilustrar e aprofundar o relato.

Esses exemplos demonstram como a dinâmica digital pode não apenas favorecer a emergência de elementos imprevisíveis, mas também redimensionar as interações. Ao permitir que os narradores escolham ferramentas e tecnologias familiares e interajam com as plataformas, cria-se um espaço que os torna agentes de seus próprios relatos, promovendo a coprodução horizontal de conhecimento, permitindo reformular e equilibrar relações de poder, fortalecendo laços de confiança (Nimmo *et al.*, 2020).

A ausência de proximidade física, entretanto, não elimina desafios. É necessário que o historiador oral compreenda as limitações e potencialidades dos ambientes digitais, ajustando suas práticas para garantir que o narrador se sinta confortável e engajado. Como apontam Santhiago e Magalhães (2020), a confiança e a empatia não dependem exclusivamente da presença física, mas da qualidade das interações. Essa redefinição de “proximidade” destaca o papel simbólico e tecnológico da mediação digital, transformando o conceito de presença e ampliando as possibilidades do trabalho historiográfico em meio ao regime de historicidade presentista em que o digital e o virtual se tornam ferramentas indispensáveis para as experiências humanas no tempo.

Assim, a prática da história oral não apenas se adapta a essas condições, mas

se posiciona como uma abordagem privilegiada para explorar novas subjetividades e reconfigurar a interação entre entrevistador e narrador em um cenário de rápidas transformações tecnológicas.

Essas experiências não apenas evidenciam as possibilidades do ambiente digital, mas também demonstram como o historiador oral se adapta a essas condições, utilizando sua habilidade de mediar interações para construir confiança e criar um espaço seguro, mesmo diante da distância física.

## Implicações e desafios

A crescente incorporação do digital e do virtual à vida cotidiana dos sujeitos históricos transformou profundamente os ambientes de interação. Esses contextos, cada vez mais mediados por tecnologias, transcendem a mera instrumentalidade, moldando novas formas de comunicação, subjetividade e interação (Cauquelin, 2008; Manovich, 2002). Assim, não apenas utilizamos o digital e o virtual, mas somos também constituídos por eles.

Considerando que toda atividade humana, incluindo a história oral, sempre foi intermediada por tecnologias (Cupani, 2011; Hayne; Wyse, 2018; Mitcham, 1994), é importante lembrar que, desde seu surgimento, o campo foi criticado por incorporar tecnologias consideradas alheias ao trabalho historiográfico. Porém, as tecnologias digitais e ambientes virtuais impõem novas dinâmicas, influenciando relações e narrativas, exigindo adaptações e estratégias cuidadosas (Santhiago; Magalhães, 2020).

As pré-entrevistas desempenharam um papel crucial ao ajudar os entrevistados a se familiarizarem com o *software* de comunicação utilizado, respeitando suas preferências e níveis de familiaridade. Quando necessário, tutoriais e suporte técnico inicial foram oferecidos para reduzir barreiras tecnológicas que poderiam comprometer a espontaneidade e a profundidade dos relatos.

Além disso, reconhecemos que entrevistas virtuais não deveriam reproduzir a duração das presenciais. O esforço cognitivo requerido pela rememoração, combinado às características exaustivas de uma interação mediada por telas, justificou ajustes no formato. Adotamos práticas como introduções graduais ao ambiente virtual, conversas iniciais descontraídas e cuidados para garantir que o espaço fosse confortável e livre de distrações.

Esforçamo-nos para criar um ambiente virtual propício à concentração, minimizando interferências externas. As pré-entrevistas e as sessões de orientação garantiram que os participantes estivessem confiantes no uso da plataforma digital. Adicionalmente, incentivamos que escolhessem locais tranquilos e privados para realizar as entrevistas, otimizando sua imersão no diálogo.

Estabelecemos um protocolo de comunicação claro, definindo horários adequados, confirmando previamente a disponibilidade e elaboração de roteiros semiestruturados que permitiam flexibilidade para aprofundar temas emergentes. Durante as entrevistas, praticamos a escuta ativa e utilizamos recursos visuais compartilhados quando apropriado, enriquecendo a narrativa e mantendo o engajamento dos entrevistados.

Para assegurar privacidade e confiança, optamos por plataformas digitais seguras e configuramos sessões com medidas de proteção, como salas de espera virtuais. Também consideramos as possíveis interrupções geradas pelas multitarefas comuns no ambiente digital. Solicitamos aos entrevistados que desativassem notificações e evitassem o uso de dispositivos extras durante as entrevistas. Nós mesmos seguimos essas diretrizes, demonstrando respeito e comprometimento com o processo.

Ao integrar essas estratégias, buscamos reconfigurar as interações, reconhecendo as limitações e as potencialidades do ambiente virtual. Adaptação fundamental para assegurar que as entrevistas mantivessem aspectos necessários para a construção de narrativas significativas, sempre buscando interações de qualidade.

Ao observar sinais de desinteresse ou distração, interagimos com os participantes, utilizando elementos do ambiente digital, como comentários sobre objetos visíveis na tela. Um exemplo emblemático foi o de um entrevistado que, usando um boné com estampa de beija-flor, inspirou conexões relevantes para o relato.

Em termos técnicos e práticos, a gravação simultânea de áudio e vídeo foi planejada para garantir qualidade e segurança. O técnico utilizou o OBS para enviar uma das entrevistas privadamente no YouTube, garantindo uma cópia sem sobrecarregar armazenamento local, e imediatamente excluída após a confirmação de que a gravação local havia sido realizada. O entrevistador adotou configurações que asseguraram conexão cabeada, dois monitores, computador de alto desempenho e gravação local por meio do Nvidia Overlay. Na pós-produção, as gravações foram organizadas e tratadas no Audacity e DaVinci Resolve, com adição de metadados para facilitar a transcrição e análise.

Os aspectos técnicos acima descritos podem parecer triviais, mas foram essenciais para permitir três gravações paralelas sem exigir que o entrevistado também tivesse de gravar, embora fosse igualmente possível (Santhiago; Magalhães, 2020). Nesse caso, ser “tecnólogo” evitou que narradores lidassem diretamente com configurações técnicas, contribuindo para um ambiente de entrevista mais fluido e confortável, assegurando que o conteúdo das memórias fosse priorizado.

Essas estratégias refletem nosso esforço para adaptar as interações digitais, reconhecendo tanto as limitações quanto as possibilidades do ambiente virtual. Esse processo é essencial para garantir a qualidade das narrativas e construir interações significativas que respeitem as particularidades dos entrevistados. Porém, a introdução dessas tecnologias também nos confronta com desafios complexos.

Entre esses desafios estão a assimetria de poder, controle e vigilância presentes

no capitalismo de vigilância (Zuboff, 2021); a necessidade de compreender versões e atualizações de *software*; o uso de dados para treinar tecnologias de inteligência artificial (Guldi, 2023; Jurkiewicz, 2018; Plotnikova; Dumas; Milani, 2020; Saltz; Dewar, 2019; Weinhardt, 2021); e a reflexão sobre as Big Techs, suas infraestruturas, engenharia e algoritmos – sequências de instruções voltadas a objetivos específicos (Bhargava, 2018; Han; Kamber; Pei, 2019; Hayles, 2022; Mischke, 2021; Oltenau; Ciula, 2023; Robertson *et al.*, 2023).

Considerando isso e levando em conta as recomendações, já mencionadas, de Santhiago e Magalhães (2020) sobre buscar referências em diferentes áreas do conhecimento, buscamos fundamentos em O’Neill (2021), pesquisador em Cibersegurança, bem como nas recomendações sobre como historiadores devem reconsiderar abordagens éticas diante das dinâmicas de privacidade no contexto digital (Crossen-White, 2015; Larson, 2013) e em como deve ser essencial um diálogo com a Ciência da Informação (Paletta; Silva, 2017). Isso, por sua vez, levou a adoção de medidas de segurança e privacidade.

Implementamos criptografia e autenticação de dois fatores para proteger os dados contra acessos, prevenindo a exposição indevida das informações coletadas. Verificações regulares da integridade dos arquivos e *backups* redundantes em HDs externos garantiram a preservação das gravações.

Buscou-se evitar serviços de nuvem, porém, quando incontornável, utilizamos serviços em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), armazenamos arquivos em contas diferentes e com metadados anonimizados para não associar arquivos e participantes. Com o uso de *softwares* de código aberto ou gratuitos legais, evitamos a dependência de plataformas proprietárias e reduzimos a influência das Big Techs, assegurando autonomia e aplicabilidade ao mesmo tempo em que mantínhamos a qualidade técnica necessária para o projeto. O acesso aos arquivos permaneceu restrito ao responsável pela pesquisa até a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a divulgação das transcrições autorizadas.

Essas estratégias refletem uma abordagem responsável e crítica diante das tecnologias digitais, alinhada ao que Simondon (2020) descreve como o papel do “tecnólogo”, e fortaleceram a integridade e a confiabilidade da pesquisa em história oral no contexto digital. Essa adaptação, em que as práticas tradicionais e os novos meios digitais se integram, representam modos de atuar e geram novas formas de interação, produção e coleta de memórias. Por isso a abordagem de Simondon, do historiador tecnólogo, e da multiliteracia: é preciso ter compreensão crítica das ferramentas, reconhecendo funcionalidades e limites, uma “cultura tecnológica” que na prática dos historiadores orais traduz-se em um entendimento que ultrapassa o uso instrumental de *softwares* e equipamentos, e vai até uma relação crítica e consciente com os artefatos técnicos.

Em suma, as experiências elencadas demonstram que a prática da história oral

não apenas se adapta às limitações impostas pela pandemia, mas inaugura e acelera importantes reflexões sobre novas formas de interação e produção de memória.

Ao integrar tecnologias como imagens, vídeos, plataformas de interação remota e tanto conhecimento técnico quanto historiográfico, os historiadores orais atualizam sua prática e usam de modo privilegiado uma familiaridade que é constitutiva do campo e que diz respeito ao uso de tecnologias. Os historiadores orais mantêm, assim, uma prática atualizada, crítica e constantemente relevante, garantindo que o uso da tecnologia amplie suas capacidades sem comprometer os valores do campo em um contexto em que tecnologias mudam rapidamente e impactam a produção e registro de memórias. É assim que o historiador oral se posiciona de modo privilegiado, compreendendo não apenas como usar as tecnologias, mas porque e em que condições essas ferramentas são ou devem ser adotadas. De modo que, de forma consciente e crítica, esses elementos são analisados como constituintes e partícipes importantes da interação entre entrevistador e entrevistado.

## Considerações finais

Recentemente, um potencial entrevistado perguntou se a entrevista poderia ser *online*, mostrando como o digital se integrou ao cotidiano. Essa naturalização revela transformações significativas nas interações sociais e subjetividades, ampliando as possibilidades de registro e memória (Adams-Hutcheson; Longhurst, 2017; Santhiago; Magalhães, 2020).

Boyd e Larson (2014) observam que formas digitais de comunicação moldam identidades e dinâmicas sociais. Tal afirmação nos remete a eventos emblemáticos, como a eleição presidencial de 2018, amplamente influenciada pelo uso de tecnologias digitais e ambientes virtuais (Façanha; Siqueira, 2023; Gabardo *et al.*, 2019; Jardelino; Cavalcanti; Toniolo, 2020; Rodrigues Lyrio *et al.*, 2023), ao passo que permite compreender que, mais do que instrumentos, essas tecnologias criam novos territórios existenciais, redefinem desejos, usos da linguagem e tipos de interação (Andrejevic, 2002; Han; Kamber; Pei, 2019; Kelleher; Namee; D'arcy, 2019; Kushner, 2021). Nesse contexto, o ambiente *online* é um espaço de interação e produção de relatos de memória, pois, atualmente, “a presença física não é mais um critério de definição do que se considera uma relação social” (Santhiago; Magalhães, 2020, p. 2).

Embalados por essas afirmações, somos levados a indagações de relevância.

As experiências de interação em plataformas digitais e ambientes virtuais, exacerbadas pela pandemia de covid-19, têm causado transformações significativas nas formas de comportamento, interação e comunicação. Estudos indicam que essas mudanças não se restringem ao digital e ao virtual, mas reverberam em interações

presenciais, alteram a linguagem (principalmente a oralidade), modos de interagir, formas e construção de confiança, validação social, identidades, alterações no contato visual e linguagem corporal que são recontextualizados em situações presenciais, redimensionamento de espaços físicos, flexibilização de normas sociais, multimodalidade com a integração de textos e comunicação compostos por elementos audiovisuais, visuais e textuais, que passaram a moldar as interações cotidianas e impactos de saúde (Santos; Machado, 2020; Mélo, 2023; Oliveira; Dias, 2024; Sales; Amaro; Baldi, 2021; Valiati; Schuler; Silva, 2018) Essas transformações reforçam a necessidade de refletir sobre essas mudanças na prática da história oral e de reconhecer que o digital e o virtual moldam as subjetividades dos narradores e influenciam a própria experiência da entrevista.

Desse modo, se por um lado a entrevista digital/virtual complementa, mas não substitui o encontro físico, oferecendo uma alternativa eficaz para conexão e compartilhamento de experiências à distância, por outro devemos considerar que, mesmo que todas as entrevistas, de agora em diante, fossem conduzidas presencialmente, elas já não poderiam ser consideradas “naturais” ou isentas de influências digitais e virtuais. As experiências acumuladas em ambientes digitais transformaram as dinâmicas de interação e comunicação, reconfigurando as subjetividades dos narradores. Assim, a entrevista presencial já não é uma experiência isolada do digital e do virtual, mas parte de uma nova realidade híbrida, onde digital, virtual e físico coexistem e se influenciam (Franca *et al*; 2019). O virtual e o digital não chegaram para substituir, mas para criar outras e novas formas de interação e vivência.

Essa nova configuração desafia noções tradicionais de autenticidade e lugar de memória. Plataformas como Google Meet e Zoom, por exemplo, emergem como novos espaços de memória, ressignificando a ausência do corpo-a-corpo. A confiança não depende mais da proximidade física, mas da qualidade da interação virtual e da constância de respostas em mensagens e pela intimidade proporcionada por áudios, fotos e compartilhamentos.

É normal sentirmos inquietação diante do impacto crescente do digital e do virtual, pois eles emergem como forças que exigem “um pensar diferenciado e novo” (Lopes, 2005, p. 110). Essa inquietação, embora compreensível, muitas vezes leva a resistências dentro de estruturas de pensamento que priorizam a interação presencial nas entrevistas (Santhiago; Magalhães, 2020). No entanto, é essencial compreender essa dúvida não como uma barreira, mas como uma oportunidade para explorar as potencialidades dos ambientes digitais e virtuais como aliados da história oral no século XXI e além. Afinal, “são as turbulências, a provisoriidade de suas certezas e o seu aspecto indeterminado que conferem à história oral o seu viço” (Perelmuter, 2004, p. 158). Vivemos um período que lembra os desafios dos anos 1980, quando historiadores orais reformularam métodos em resposta a mudanças inéditas (Perelmuter, 2004). Nossos anos 2020 marcam um ponto de inflexão, exigindo que historiadores orais

reflitam e avaliem uma diversidade de elementos relevante ao campo e suas práticas em um mundo em transformação. Como lembram Santhiago e Magalhães (2020), Leland McCleary alertou sobre não “caminhar de costas para o futuro”.

Retomo aqui a breve história do potencial entrevistado que sugeriu a entrevista via internet. Após explicar os fundamentos da história oral e o valor da entrevista presencial, ele respondeu que, embora entendesse, preferia a alternativa remota por questões práticas. Destacou, inclusive, que parte de suas memórias era diretamente ligada ao período de isolamento e às interações virtuais. Esse caso encapsula a dualidade da história oral contemporânea: a valorização das práticas presenciais e a aceitação crescente das alternativas digitais como legítimas por parte dos sujeitos históricos e narradores.

Embora este caso possa parecer isolado, ele reflete uma tendência mais ampla que acompanha a rápida evolução tecnológica, transformando práticas culturais e sociais de maneiras que frequentemente escapam ao nosso controle. Contudo, essa transformação não deve ser encarada com resignação, mas na positividade espinozista dos encontros (Deleuze, 2002; Spinoza, 1973) como oportunidade crítica e criativa.

Ao considerar o digital e o virtual como novas formas de interação e de vivenciar as experiências e refletir sobre como integrá-los ao trabalho historiográfico, os historiadores orais expandem as possibilidades de interação, produção, registro de memórias e de seu fazer historiográfico. Nesse cenário, o historiador oral assume o papel de mediador crítico e reafirma sua relevância, navegando entre os desafios e as potencialidades de um mundo em constante transformação tecnológica.

## Referências

AHNERT, Ruth *et al.* *Collaborative Historical Research in the Age of Big Data: Lessons from an Interdisciplinary Project*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996.

ANDERSON, Philip W. More Is Different. *Science*, v. 177, n. 4047, p. 393-396, 1972.

ANDRADE, Saulo José Veloso de; SILVA, Eduardo Jorge Lopes da; SCORTEGAGNA, Paola Andressa. O desafio do ensino remoto com idosos durante a pandemia de Covid-19. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, 2023.

ANDREJEVIC, Mark. The work of being watched: interactive media and the exploitation of self-disclosure. *Critical Studies in Media Communication*, v. 19, n. 2, p. 230-248, 2002.

AULAKH, Gurnam Singh; DUGGAL, Simone; SUTTON, David. Findings from an OMFS journal club: is COVID-19 the catalyst we have needed to embrace technology? *British Journal of Oral & Maxillofacial Surgery*, v. 60, n. 1, p. 46-51, 2020.

BANNON, Liam J. From Human Factors to Human Actors: The Role of Psychology and

Human-Computer Interaction Studies in System Design. In: GREENBAUM, Joan; KYNG, Morten (Ed.). *Design at Work: Cooperative Design of Computer Systems*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991. p. 25-44.

BARDINI, Thierry; HORVATH, August T. Social Construction of the Personal Computer User. *Journal of Communication*, v. 45, n. 3, p. 40-65, fev. 2006.

BARTHOLO, Tiago Lisboa *et al.* Learning loss and learning inequality during the Covid-19 pandemic. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 31, n. 119, 2023.

BHARGAVA, Aditya Y. *Entendendo algoritmos: um guia ilustrado para programadores e outros curiosos*. São Paulo: Novatec, 2018.

BLAIR, J. Anthony. Relationships Among Logic, Dialectic and Rhetoric. In: TINDALE, Christopher W. (Ed.). *Groundwork in the Theory of Argumentation: Selected Papers of J. Anthony Blair*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2012. p. 245–259.

BLAXILL, Luke. Why do Historians Ignore Digital Analysis? Bring on the Luddites. *The Political Quarterly*, v. 94, n. 2, 2023.

BOYD, Douglas; LARSON, Mary A. (Ed.). *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access, and Engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

BRANNEN, Julia. Life Story Talk: Some Reflections on Narrative in Qualitative Interviews. *Sociological Research Online*, v. 18, n. 2, 2013.

BULTJE, R.; VAN WIJK, Jacoliane. Taxonomy of virtual organisations, based on definitions, characteristics, and typology. *VoNet Newsletter*, v. 2, n. 3, p. 7-21, jan. 1998.

CAMPBELL, Cary; OLTEANU, Alin. The Challenge of Postdigital Literacy: Extending Multimodality and Social Semiotics for a New Age. *Postdigital Science and Education*, v. 6, n. 2, 12023.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Lisboa: Edições 70, 2008.

CROSSEN-WHITE, Holly. Using digital archives in historical research: What are the ethical concerns for a 'forgotten' individual? *Research Ethics*, v. 11, n. 2, p. 108-119, 2015.

CUPANI, Alberto. *Filosofia da tecnologia: um convite*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Graal, 2006.

ERUCHALU, Chukwuma N. *et al.* The Expanding Digital Divide: Digital Health Access Inequities during the COVID-19 Pandemic in New York City. *Journal of Urban Health*, v. 98, n. 2, p. 183-186, abr. 2021.

EZZY, Douglas. Qualitative Interviewing as an Embodied Emotional Performance. *Qualitative Inquiry*, v. 16, n. 3, p. 163-170, 2010.

FAÇANHA, Isabela Huerta; SIQUEIRA, Érica Souza. A influência das mídias sociais nas últimas eleições brasileiras. *FGV RIC Revista de Iniciação Científica*, São Paulo, v. 4, n.1, 2023.

FAZI, M. Beatrice. *Contingent Computation: Abstraction, Experience, and Indeterminacy in*

Computational Aesthetics. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2018.

FRANCA, Margarida; MARTINS, Rui; FERNANDES, João Luis J. Práticas religiosas e redes sociais. Os novos espaços e tempos da Igreja Católica em Portugal. *Sociologia Online*, n. 21, 2019.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. O cuidado da natureza: a Fundação Brasileira de Conservação da Natureza e a experiência conservacionista no Brasil. *Textos de História*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 59-84, 2009.

GABARDO, Ademir Cristiano *et al.* *Como Mensurar a Importância, Influência e a Relevância de Usuários do Twitter?* Uma análise da interação dos candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018. 2019. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1902.11197>. Acesso em: 10 dez. 2025.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Involuntary Memory, and Apprenticeship to Truth: Ricoeur Re-reads Proust. In: DAVIDSON, Scott.; VALLÉE, Marc-Antoine. (Ed.). *Hermeneutics and Phenomenology in Paul Ricoeur: Between Text and Phenomenon*. Cham: Springer International Publishing, 2016. p.105-113.

GOLDMAN, Benjamin Matthew. It's Not Easy Being Green(e): Digital Preservation in the Age of Climate Change. In: WEIDEMAN, Christine; CALDERA, Mary A. (Ed.). *Archival Values: Essays in Honor of Mark A. Greene*. Chicago: Society of American Archivists, 2019. p. 274-295.

GULDI, Jo. The Trouble with Text Mining: And why some projects take a long time, and future projects might take less time. *Historical Research in the Digital Age*, part 6, 14 mar. 2023. Disponível em: <https://blog.royalhistsoc.org/2023/03/14/the-trouble-with-text-mining-and-why-some-projects-take-a-long-time-and-future-projects-might-take-less-time/>. Acesso em: 15 mar. 2023.

HAN, Jiawei; KAMBER, Micheline; PEI, Jian. *Data Mining: Concepts and Techniques*. 3. ed. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2019.

HARDY III, Charles; PORTELLI, Alessandro. I Can Almost See the Lights of Home: A Field Trip to Harlan County, Kentucky. *The Journal of Multimedia History*, v. 2, 1999. Disponível em: <https://www.albany.edu/jmmh/vol2no1/lights.html>. Acesso em: 13 dez. 2025.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução Andréa S. de Menezes *et al.* Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HAYLES, N. Katherine. Approximating algorithms: from discriminating data to talking to an AI. *History and Theory*, v. 61, n. 4, p. 152-165, 2022.

HAYNE, Luiz Augusto; WYSE, Angela Terezinha de Souza. Análise da evolução da tecnologia: uma contribuição para o ensino da ciência e tecnologia. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, Ponta Grossa, v. 11, n. 3, p. 37-64, dez. 2018.

HERVAIS-ADELMAN, Alexis Georges; MOSER-MERCER, Barbara; GOLESTANI, Narly. *Executive Control of Language in the Bilingual Brain: Integrating the Evidence from Neuroimaging to Neuropsychology*. *Frontiers in Psychology*, v. 2, 2011.

HEGENBERG, Leonidas. *Definições: termos teóricos e significado*. São Paulo: Cultrix, 1974.

IEGELSKI, Francine. Tempo, história e historiografia: entrevista com François Hartog. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 255-267, jan. 2020.

JARDELINO, Fábio; CAVALCANTI, Davi Barboza; TONIOLO, Bianca Persici. A proliferação das fake news nas eleições brasileiras de 2018. *Comunicação Pública*, Lisboa, v. 15, n. 28, 2020.

JARRETT, Christian. Como a teoria da carga cognitiva ajuda a explicar por que algumas coisas estão demorando mais para serem feitas durante a pandemia de covid-19. *BBC News Brasil*, 19 dez. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55376090>. Acesso em: 12 dez. 2025.

JURKIEWICZ, Carole L. Big Data, Big Concerns: Ethics in the Digital Age. *Public Integrity*, v. 20, n. 30, sup1, p. S46–S59, 18 jan. 2018.

KELLEHER, John D.; NAMEE, Brian Mac; D'ARCY, Aoife. *Fundamentals of Machine Learning for Predictive Data Analytics: Algorithms, Worked Examples, and Case Studies*. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 2019.

KILBRIDE, William. The Anthropocene Remembered: Digital Memory After the Climate Crisis. *Digital Preservation Coalition*. 31 maio 2023.

KUSHNER, Scott. The instrumentalised user: human, computer, system. *Internet Histories*, v. 5, n. 2, p. 154-170, 2021.

LARSON, Mary. A. Steering Clear of the Rocks: A Look at the Current State of Oral History Ethics in the Digital Age. *The Oral History Review*, v. 40, p. 36-49, 2013.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2003.

LISCHER-KATZ, Zack. Studying the materiality of media archives in the age of digitization: Forensics, infrastructures, and ecologies. *First Monday*, v. 22, n. 1-2, jan. 2017.

LOPES, Eduardo Simonini. A realidade do virtual. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 96-112, jun. 2005.

MACHADO, Vanessa dos Santos Januário. *Avaliação de proficiência linguística de pilotos: o discurso do candidato e sua influência no comportamento e julgamento do examinador*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

MANOVICH, Le. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2002.

MCCABE, Hugh. We Have Always Been Virtual: Gilles Deleuze and the Computer-Generated Image. In: ARTECH 2019: International Conference on Digital and Interactive Arts, 9., 2019, Braga, Portugal. *Proceedings [...]*. New York: Association for Computing Machinery, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3359852.3359895>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MÉLO, Vaneza Nascimento de Oliveira. Mídias na Educação: impactos, contribuições e desafios no processo de aprendizagem. *Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 26, 2023.

MERCHANT, Paul. What oral historians and historians of science can learn from each other. *The British Journal for the History of Science*, v. 52, n. 4, p. 673-688, 2019.

MILLIGAN, Ian. *The Transformation of Historical Research in the Digital Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

MISCHKE, Dennis. Deleuze and the Digital: On the Materiality of Algorithmic Infrastructures. *Deleuze and Guattari Studies*, v. 15, n. 4, p. 593–609, nov. 2021.

MITCHAM, Carl. *Thinking through Technology: The Path between Engineering and Philosophy*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

MITTERMEIER, Russel A. *et al.* Uma breve história da conservação da biodiversidade no Brasil. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 14-21, jul. 2005.

NIMMO, Evelyn Roberta *et al.* Oral history and traditional ecological knowledge in social innovation and smallholder sovereignty: a case study of erva-mate in Southern Brazil. *Ecology and Society*, v. 2, n. 4, 2020.

NYHAN, Julianne; FLINN, Andrew. *Computation and the Humanities: Towards an Oral History of Digital Humanities*. Cham: Springer International Publishing, 2016.

OLIVEIRA, Flávia Medianeira de; DIAS, Reinildes. Tecnologias digitais, letramentos e multimodalidade: possibilidades para o ensino da oralidade em inglês no ensino superior. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 68, 2024.

OLTENAU, Alin; CIULA, Arianna. Digital Humanities and Semiotics. *In: PELKEY, Jamin; COBLEY, Paul (Ed.). Bloomsbury Semiotics Volume 4: Semiotic Movements*. London: Bloomsbury Academic, 2023. p. 67-86.

O'NEILL, Onora. Ethical Standards and 'Communication' Technologies. *In: CORNISH, Paul (Ed.). The Oxford Handbook of Cyber Security*. New York: Oxford University Press, 2021. p. 82-88.

PALETTA, Francisco Carlos; SILVA, Armando Manuel Barreiros da. Ethics of Information in the Digital Age. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 213-224, jan./abr. 2017.

PEREIRA, Luciana de Araujo. *Nas trilhas de uma comunidade quilombola: tradição, oralidade, memória coletiva e identidade*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – UEFS, Feira de Santana, BA, 2014.

PERELMUTTER, Daisy. *Intérpretes do desassossego: memórias e marcas sensíveis de artistas brasileiros de ascendência judaica*. Tese (Doutorado em História Social) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2004.

PLOTNIKOVA, Veronika; DUMAS, Marlon; MILANI, Fredrik. Adaptations of data mining methodologies: a systematic literature review. *PeerJ Computer Science*, v. 6, 2020.

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne.; SHARP, Helen. *Interaction Design: Beyond Human-Computer Interaction*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2015.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ROBERTSON, Ronald E. *et al.* Users choose to engage with more partisan news than they are exposed to on Google Search. *Nature*, v. 618, n. 7964, p. 342-348, 24 maio 2023.

RODEGHERO, Carla Simone.; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Pode a história oral ajudar a adiar o fim do mundo? Covid 19: tempo, testemunho e história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 472-491, 2021.

RODRIGUES LYRIO, C. *et al.* Netnografia das redes: como as redes sociais moldam o comportamento social e político. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, São José, v. 5, n. 1, p. 101-

118, mar. 2023.

SABOIA, Chintia Bastos. *Narrativas orais na comunidade do Julião*. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – UEA, Manaus, AM, 2016.

SALES, Raissa Karen Leitinho; AMARO, Ana Carla; BALDI, Vania. Construindo confiança em plataformas digitais para partilhar estilos de vida colaborativos em contextos sustentáveis. *Comunicação e Sociedade*, v. 39, p. 223-247, 2021.

SALTZ, Jeffrey S.; DEWAR, Neil. Data science ethical considerations: a systematic literature review and proposed project framework. *Ethics and Information Technology*, v. 21, n. 3, p. 197-208, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 27, 2020.

SANTOS, Diana Leonhardt dos; MACHADO, Karen Graziela Weber. As tecnologias digitais e as relações interpessoais no cotidiano das instituições educativas. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, jul./dez. 2019.

SHNEIDERMAN, Ben. Review: The Psychology of Human-Computer Interaction. *Datamation*, v. 30, p. 236-237, 1984.

SILVA, Adriena Casini. Um zoom nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 153-172, 2022.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. São Paulo: Editora 34, 2020a.

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b.

SIPSER, Michael. *Introdução à teoria da computação*. 2. ed. São Paulo: Cengage CTP, 2005.

SLOAN, Stephen M. Swimming in the Exaflood: Oral History as Information in the Digital Age. In: BOYD, Douglas; LARSON, Mary A. (Org.). *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access, and Engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 175-186.

SPINOZA, Baruch de. *Pensamentos metafísicos - Tratado da correção do intelecto - Ética - Tratado político - Correspondência*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, 17).

STENGERS, Isabelle; PRIGOGINE, Ilya. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: Editora da UnB, 1997.

SWATRIDGE, C. *The Oxford Guide to Effective Argument and Critical Thinking*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

THOMPSON, Paul. História Oral e contemporaneidade. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 9-28, 2002.

VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol; SCHULER, Ana Clara; SILVA, Franciele. Capital social e confiança em plataformas digitais: estudo comparativo entre Airbnb e Couchsurfing. *Panorama*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 41-50, 2018.

VILLATA, Lucas Paolo. *Simondon: uma introdução* (em devir). São Paulo: Alameda, 2021.

VIOLA, Lorella. *The Humanities in the Digital: Beyond Critical Digital Humanities*. London: Palgrave Macmillan, 2023.

WEI, Xuehu *et al.* Native language differences in the structural connectome of the human brain. *NeuroImage*, v. 270, 2023.

WEINHARDT, Michael. Big Data: Some Ethical Concerns for the Social Sciences. *Social Sciences*, v. 10, n. 2, 2021.

WHITE, Ron. *How Computers Work: The Evolution of Technology*. 10. ed. Boston: Que Publishing, 2015.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

Recebido em 22/11/2024

Versão final reapresentada em 13/01/2025

Aprovado em 16/12/2025